VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

NARRATIVAS ORAIS DOS ANTIGOS ROMEIROS DA SUCUPIRA EM DIANÓPOLIS – TO

Weverson Cardoso de Jesus*

Mírian Tesserolli (Orientadora)**

"Onde existe evento, existe narrativa; e onde existe narrativa, existem eventos", afirma José D'Assunção Barros (2011, p. 8); no intuito de compreender as narrações passadas por gerações aos romeiros tradicionais da festividade analisada é que nos esforçamos em colher, relacionar e confrontar os testemunhos de diversos depoentes entrevistados ao longo da pesquisa. Ressaltamos ainda que esse trabalho é uma extensão de uma pesquisa que busca abarcar essa festividade como suas particularidades.

A Romaria da Sucupira tem seu início em meados do século XIX, na região entre Dianópolis e Conceição do Tocantins – comunidades escravistas –, com uma imagem de Nossa Senhora do Rosário encontrada por um vaqueiro entre os galhos de sucupira (árvore típica do cerrado), com muitos mitos narrados a respeito desse aparecimento.

---

* Acadêmico do Curso de História, Universidade Federal do Tocantins- UFT. Pesquisador do Grupo Religiosidade e Festas, certificado pelo CNPq.

** Graduação e mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina; doutorado (em andamento) em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia, pela Universidade Federal do Pará. Professora do Curso de História, Campus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins, desde 2003. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Religiosidades e Festas.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Toda comunidade necessita ser explicada por um mito fundador (criacional), como ressalta Hall (1999, p. 54), até mesmo para ter um marco na sua história e identificar-se como pertencente à mesma. Desde então tem sido celebrada a Festa de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo na primeira semana do mês de agosto, sobretudo pelos povos residentes no sertão e nas proximidades do local, mas ainda com presença de demais romeiros da zona urbana.

Essa pesquisa insere-se no âmbito de estudo da religiosidade popular, para isso temos realizado leituras acerca dessa vertente historiográfica e às relativas manifestações populares e sincréticas; usamos ainda os testemunhos orais dos foliões e demais partícipes em forma de entrevistas como fonte histórica para produção do conhecimento obtido. O uso de narrativas orais para compreensão da romaria em análise tem sido de fundamental importância, dado que objetivamos compreender essas manifestações a partir da mentalidade dos antigos romeiros, uma das diversas formas de valorização do conhecimento que os "velhos" podem oferecer-nos.

As narrativas orais acerca do surgimento dessa imagem tem sido passada por gerações pelos sertanejos a ponto de obtermos relatos dos antigos peregrinos que afirmam não saber quando nem ao certo como foi esse surgimento da festa, mas que receberam essa crença de seus avós ou pais. Barros (2011, p. 24) assegura que a narrativa permite que o tempo se mostre. Essas narrativas proporcionam amplo campo investigativo; nessa pesquisa enfatizamos o terreno da oralidade e o papel que a mesma exerce para afirmar a memória coletiva. Objetivamos, desse modo, valorizar e dar visibilidade aos romeiros que participam constantemente dessas festividades, como assevera Shanthiago (2008, p. 37) "a oralidade dá voz a quem não deixaria testemunho", recupera outras visões e pontos de vista.

Entre as narrativas que são comuns entre esses festeiros podemos destacar o mito do aparecimento da imagem no meio do serrado; a comunidade assegura que recebeu de seus antepassados o relato de que essa imagem foi encontrada, levada para a Fazenda Vazante, assegura Leônidas Tavares, e retornava ao local onde foi encontrada. Isso aconteceu inúmeras vezes até que foi construída uma capela na fazenda Brejo dos Carneiros – primeiro local da Romaria, afirma Josiano Martins, para abrigar a imagem; só a partir da construção dessa capela é que a imagem se estagnou e começou uma

ISBN: 978-85-98711-10-2

peregrinação dos habitantes das fazendas e sítios circunvizinhos para orações e promessas. Fernandes ainda assegura que esse templo foi edificado por membros da comunidade rural que começaram e acreditar e ver nessa imagem uma possibilidade de atrair bênçãos para a lavoura; pois, como assevera Geertz (1989, p. 9) "a cultura é pública e a comunidade sente-se pertencente à mesma através de elementos que reforçam essa identificação". O labor relaciona-se ao sentimento de pertencer à festa. Stuart Hall acentua o caráter de pertencimento e de identidade ao afirmar "as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade" (HALL, 1999:47). De acordo com Hall (1999, p. 56), a relação entre memória - desejo de perpetuar a herança cultural recebida e a identidade como nação -, gera um sentimento de pertencimento local; permite ao homem definir-se como parte integrante de um sistema cultural.

Outra narrativa habitual é que a imagem sempre foi acompanhada por uma espécie de maribondo chamado na região de *chupé;* muitos romeiros como o Sr. Leônidas, Dona Jaimira, Floracy, Tia Nizô, entre outros, falam que o *chupé* segue a imagem como um defensor e sempre faz sua habitação na parede onde a imagem localiza-se. Mircea Eliade na obra *O sagrado e o Profano* (1992, p.20) refere-se ao uso de animais como elemento fortificador da sacralidade do local; "são os animais que revelam a sacralidade do lugar", desse modo os homens procuram descobrir esses locais com a ajuda de sinais misteriosos. Na igreja atual existe um abrigo desses maribondos e, de acordo com o Sr. Leônidas, ataca as pessoas que querem entrar na igreja pelos fundos e lembra ainda que "quem entra pelos fundos é ladrão".

Ao afirmar esse caráter de fixação de raízes em lugares, compreende-se como um sertanejo sente-se diante de tão grande expressão religiosa; "os lugares permanecem fixos, nele fixamos raízes" (HALL, 1999: 72). Ali são rememoradas experiências vividas, momentos marcantes em suas vidas; ali se sentem acolhidos e pertencentes a um único modo de expressão cultural. "A vida é muito mais rica, mais fértil, mais imprevisível e surpreendente; o que nos instiga é uma nova prática interpretativa à procura de seus significados" (FLORES, 1991: 299). Por meio de cantos, roda, benditos, folia, etc. o homem sertanejo se completa; "somos incompletos e inacabados que nos completamos através da cultura" (BURKE, 2006:36).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Bosi (1994, p. 55) aponta que as lembranças são imagens organizadas a partir de elementos e circunstâncias do tempo presente; "lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho"; assim devemos duvidar da sobrevivência intacta do passado. Os fragmentos das lembranças dos depoentes, especialmente daqueles diretamente ligados às festas, possibilitaram entender parte dos significados das festividades do Divino e do Rosário também como uma forma de sociabilidade e autoafirmação da identidade local.

Flores certifica que nas festas, pelo seu caráter repetitivo e pela particularidade em reunir a coletividade pode nos mostrar outra organização social, onde as minorias expressam pela palavra ou por outras linguagens seus valores, suas crenças, enfim, sua cultura. De tal modo, afirma ainda que as festas, tratando-se de lugares de memória, é uma experiência que deixa placas indicativas, sinalizando várias dimensões da visa social. (FLORES, 1991: 35, 190).

A Romaria da Sucupira tem atraído muitos residentes da zona rural e urbana para as festividades. É celebrada com muita festa a Folia do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário. Ali os festeiros rememoram os acontecimentos ocorridos ao longo dos anos e se divertem; pois "é na festa que são" presentes a diversão, o encontro de compadrios e conflitos, de alegria e de conversa; o prazer não precisa ser justificado, como afirma Flores; são lugares profanos e sagrados, pois ao mesmo tempo, abre-se a casa para a folia e para a reza: a novena, o terço, a dança, a conversa" (FLORES, 1991: 33).

Esses apontamentos feitos com a finalidade de compreender a Romaria da Sucupira como elemento cultural de um povo são necessários, pois a História Oral é indispensável no processo de registro de memórias, ressalta Shanthiago (2008, p. 43); é graças a essa abertura para outras fontes de pesquisa que conseguimos valorizar os "vencidos" e que ficam à margem da sociedade por serem considerados a-históricos. Desse modo, cabe a quem constrói uma intriga – ou nesse caso, uma trajetória da religiosidade popular - "expor o que se passa na mente destes agentes, ou pelo menos atribuir um sentido a cada um de seus atos" na expressão de Barros (2011, p.13).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Finalmente, os depoentes são compreendidos como agentes históricos e portadores de valores; são eles que sustentam a tradição e garante à posteridade o conhecimento das origens, mitos, ritos, saberes e fazeres que a Modernidade abstém; é gratificante trabalhar nesse campo pois contribui para a promoção social dos depoentes e demais sujeitos envolvidos na pesquisa, pois "quando compreendemos cada narrativa que nos é contada, estamos aprendendo a viver" (BARROS, 2011:18). Temos muito que aprender com os mais velhos, eles possuem o conhecimento que a Academia não traz; aprendemos a valorizar as pessoas na medida em que valorizamos os sentimentos, religiosidade, etc.; afinal, o homem se completa por meio da cultura, como Burke ressalta acima e cultura não se limita a hábitos, costume, crenças, mas abarca todo o agir humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. *Paul Ricoeur e a Narrativa Histórica.* Revista História, imagem e narrativas. Rio de Janeiro, n.12, p.1-26, 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos. 10ª ed. São Paulo: Cia da Letras,1994.

BURKE, Peter. *Variedades da história cultural.* Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma explanação das hibridações culturais.* São Paulo, SP: Studio Nobel: Instituto Cultural Italiano de Cultura – Instituto Italiano di Cultura, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Teatros da Vida, Cenários da História. A farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina – leitura e interpretação.* Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica – PUC SP, São Paulo, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade,* tradução: SILVA, Tomaz Tadeu da; GUACIRA LOPES – 3ª ed. – Rio de Janeiro – RJ: DP&, 1999.

ISBN: 978-85-98711-10-2

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 13ª ed., 2000.

SANTHIAGO, Ricardo. *Da fonte oral à História Oral: debates sobre legitimidade.* Saeculum - Revista de História. João Pessoa, n.18, p. 33-46. 2008.

Fontes Orais

Josiano Martins Fernandes – filho de Zé Martins, segundo zelador da romaria falecido em 1995 – Josiano tem 66 anos.

Leônidas Tavares – romeiro e terceiro zelador da romaria, 82 anos.

Jaimira Pereira Cerqueira – antiga romeira, falecida em 2011 com 66 anos.

Floracy Ribeiro Cardoso – romeira, 50 anos.

Nizô – Nísia dos Santos Melo – romeira, 79 anos.